

## PLATÃO RETÓRICO? UMA REFLEXÃO SOBRE A PSICAGOGIA NO *FEDRO* DE PLATÃO\*

Patrícia Lucchesi Barbosa\*\*

### RESUMO

A presente comunicação se refere à apresentação no âmbito do Projeto UFMG Noturna, do Departamento de Filosofia da Universidade Federal de Minas Gerais, no dia 17 de maio de 2023, a convite da professora doutora Maria Cecília de Miranda Nogueira Coelho. O tema da palestra envolveu a apresentação dos resultados de pesquisa da tese de doutorado recentemente publicada pela editora Dialética, que traz como tema central a performance da psicagogia. Platão se vale do termo que remete à condução das almas dos mortos proveniente da tradição religiosa, e modifica o seu uso ao dar-lhe significado equivalente ao da retórica, ou seja, a arte de conduzir as almas dos vivos por meio das palavras. Trata-se de melhor definir as aproximações e diferenças entre a arte retórica tal como praticada pelos oradores e a psicagogia como retórica filosófica, segundo a proposta original de Platão, a qual envolve um método e um objetivo próprios. A alma é definida por sua potência de ação e padecimento, mas sobretudo como fonte e princípio de movimento. A imagem utilizada é a de uma parrelha de cavalos, cujo auriga teria o desafio de dar direcionalidade e condução ao composto trino, equalizando as forças motoras que, a princípio, podem ser díspares.

PALAVRAS-CHAVE: alma; dialética; psicagogia.

### INTRODUÇÃO

O *Fedro* é um dos diálogos mais performáticos de Platão. Sua estrutura é similar a uma peça dramática, cujo enredo é o périplo do jovem Fedro e Sócrates para fora dos muros da cidade. Conforme a paisagem vai se tornando mais bucólica e intimista, os discursos sobre o amor vão se sucedendo, e a dialética vai sendo operada em ato, por meio da divisão (*diaíresis*) e reunião (*synagoge*) dos argumentos.

Platão afirma que só podemos compreender a alma por meio de suas ações e afecções, ou seja, de modo indireto. Contudo ele a define claramente como fonte (*pegé*) e princípio (*arkhé*) do movimento, de tal modo que aquilo que move a si mesmo nunca cessa de mover-se e, exatamente por ser um princípio, é imortal e não gerado (245c-e). Essa brevíssima demonstração da imortalidade da alma por meio do argumento do seu movimento autogerado, literalmente um automóvel imortal, se contrasta com a extensão bem mais abrangente

---

\* Texto recebido em 30/05/2023 e aprovado para publicação em 20/06/2023.

\*\* Mestranda em Filosofia Antiga (UFMG). Bolsista CNPq. E-mail: [lucchesi.patricia@yahoo.com.br](mailto:lucchesi.patricia@yahoo.com.br).

dedicada ao mito da parelha alada, ainda que Sócrates tenha declarado que não possui tempo livre (*skholé*) para a “sabedoria agreste” dos mitos (229e).

A justificação para o uso do mito se dá pela impossibilidade de saber o que a alma *é*, uma vez que isso requer um discurso longo, e de todo divino; mas podemos acessar o que ela *parece ser*, portanto temos uma imagem por semelhança (*eikós*). Assim ele lança mão da alegoria da parelha de cavalos, sendo um deles de boa estirpe e o outro rebelde ao comando; o auriga é comparado ao princípio governante na alma, o *noûs*, o qual, por sua vez, funciona a um só tempo como alimento para a alma e como o condutor das potências motoras representadas pelos cavalos.

A carruagem era o veículo mais potente e veloz da época, e sua representação aparece na iconografia clássica frequentemente associada aos deuses, como a carruagem de Apolo que cruzaria os céus como (a nós) se apresenta o movimento do sol ao longo do dia; a parelha alada de Febe, deusa lunar associada à profecia e ao oráculo de Delfos; a carruagem de Hélios puxada por duas serpentes aladas (*drákones*) que, na tragédia de Eurípedes, teria sido usada por Medeia, neta de Hélios e poderosa feiticeira, em sua rota de fuga após o assassinato dos filhos que teve com Jasão. Ainda remetendo a uma tradição bem mais antiga, podemos também fazer referência à carruagem de Arjuna, presente no texto do Bhagavad Gita, na epopeia indiana Mahabharata. Na batalha, o guerreiro Arjuna é ajudado por Krishna, que atua como seu condutor e conselheiro. A carruagem, conhecida como “Ratha”, é descrita como sendo muito poderosa e capaz de viajar pelo ar, além de ser puxada por cavalos celestiais.

Apresentaremos qual a relevância da imagem sugerida pelo mito platônico e quais as forças que interferem nos movimentos da alma, ainda que ela seja autônoma em sua capacidade de mover-se e, por fim, como a psicagogia pode alterar esses movimentos, por meio de uma ascensão dialética, tal como anunciada por Platão.

## 1 QUEM FOI FEDRO?

Não temos como precisar de modo inequívoco quem foi a personagem Fedro, se é ficcional ou histórica. Contudo nos chama a atenção que o nome em grego, *Phaidrós*, possui o radical do verbo *phaino* (brilhar, revelar, fazer aparecer, trazer à tona) que, por sua vez, dá origem ao substantivo *phainómenon*. No diálogo homônimo ele é retratado como um belo, educado e brilhante rapaz que, assim como o próprio Sócrates se encanta imensamente pelos discursos. O próprio nome da personagem parece aludir ao tema do belo, que é aquilo que

mais resplandece aos sentidos e pode funcionar como um gatilho para a reminiscência do brilho das formas na planície hiperurânia, a morada da verdade.

A personagem Fedro aparece também no *Banquete*, e é o primeiro a discursar sobre o amor. Fedro diz que Eros é um dos mais antigos e poderosos deuses, e quem ama se torna divino pois se sacrifica pelo amado. Os exemplos são o rei Admeto e Alceste, ele que oferece a própria vida para que seu marido possa viver mais; Eurídice e Orfeu, ele qual vai ao Hades buscar sua amada morta pelo veneno da serpente; e Pátroclo e Aquiles, este último enfrenta todo o exército troiano para vingar a morte de seu amado, morto por Heitor.

No *Mênon*, Fedro é mencionado em uma passagem na qual Sócrates está tentando descobrir se a virtude pode ser ensinada. Em uma tentativa de definir o que é virtude, Mênon menciona a coragem, a justiça, a sabedoria e a moderação. Sócrates questiona Mênon sobre o que é a virtude em si mesma, independentemente de qualquer exemplo específico de virtude, e faz uma referência a uma fábula contada por Fedro sobre a natureza da alma. Sócrates sugere que a alma pode ser vista como um pássaro com asas, e que a virtude é o que faz com que esse pássaro voe para cima, enquanto a falta de virtude o faz cair.

No *Protágoras*, a primeira menção ocorre quando Protágoras está descrevendo sua própria sabedoria e habilidade na arte da retórica e lembra a Sócrates que ele mesmo já havia encontrado Fedro e oferecido um discurso para ele sobre a natureza do amor. Em outra passagem, Sócrates e Protágoras discutem a natureza da virtude, e Sócrates cita uma fábula que Fedro havia contado a ele anteriormente. Além disso, Fedro é mencionado brevemente em algumas outras passagens do diálogo, embora não tenha um papel significativo na trama.

Há, portanto, uma similaridade com o tema de *Eros* e o tema da alma, inclusive se seria possível ensinar ou não as coisas a respeito da alma, ou até mesmo se é humanamente possível saber o que ela de fato é. No *Fedro* o tema da retórica é abordado pelo viés da psicagogia, e o tema do amor perpassa os três discursos que compõem o diálogo: o discurso de Lísias, que seria um discurso de detração a Eros; o primeiro discurso de Sócrates, que seria uma imitação do de Lísias; e o segundo discurso de Sócrates, sob a influência do seu *daimon*, uma retratação com relação ao deus.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> Notemos que esta estrutura triádica – a detração, a imitação e a retratação – está presente na poesia de Estesícoro, como nos esclarece a tese de doutorado de Rogério Campos (2012) sobre a relação entre o *Fedro* e a poesia.

## 2 PSICAGOGIA É RETÓRICA?

O texto de Platão é uma performance ativa que põe em ato o poder do discurso de conduzir a alma, com todas as necessárias considerações éticas que tal empresa pode acarretar, tanto no âmbito da alma quanto no da cidade, que nada mais é que a alma em letras garrafais.<sup>2</sup>

O gênio de Platão escolhe atentamente o cenário para compor sua retórica, e nada nos parece fortuito nessa seleção. “Para onde vais, meu caro Fedro, e de onde vens?” (227a), assim se inicia a trama que curiosamente pergunta pelo ponto de chegada antes do de partida. É preciso saber de início o destino almejado pelo percurso do jovem, a fim de melhor conduzi-lo a bom termo. Sócrates a princípio se coloca como um estrangeiro que não sabe para onde está indo, mas que apenas se deixa levar por sua paixão pelos discursos, como um burro que tem um alimento pendurado à sua frente<sup>3</sup>. Posteriormente, contudo, se torna evidente que quem guia o rapaz é o próprio Sócrates, graças à intervenção de seu *daimon*.

Psicagogia é, literalmente, conduzir a alma (*psykhé* + *ágô*). Uma das primeiras ocorrências do termo encontra-se no fragmento 74,1., em Apolodoto, para quem a finalidade da filosofia é constituída pelo encantamento da alma.

No século V a.C. temos registros de termos associados à psicagogia na tragédia e na comédia de Aristófanes, *As aves*, que apresenta um Sócrates lacônico, que realiza conjuração das almas. No final da peça e em mais de quatro estrofes, o coro das aves relata as muitas coisas bizarras que viu em seus voos etnográficos sobre Atenas. Segundo C. Moore (2013, p. 44), psicagogia tem um sentido duplo e expressa tanto as “excentricidades pessoais” de Sócrates, que se traduz como um certo desprezo pelo mundo dos vivos; quanto sua capacidade de “encantar as almas” de seus discípulos por meio da sua aptidão de atrair pessoas pelo seu discurso. O psicagogo “carismático” atrai as pessoas para si, as leva a nutrir seu verdadeiro eu, ou as engana e, assim, corrompe seu caráter moral. Eis o risco da retórica como arte de conduzir por meio das palavras.

No elogio de Helena, Górgias utiliza a arte retórica no sentido de persuadir o público de que Helena não é culpada pelos eventos que levaram à Guerra de Troia. Ele argumenta que Helena foi persuadida por Afrodite a deixar seu marido e sua casa para se juntar a Páris em

<sup>2</sup> Ver *Rep.* IV (334e-335a).

<sup>3</sup>Há uma analogia com o alimento, na ideia da alma seguindo a procissão divina; segundo A. Philip (1981, p. 455), a topologia do diálogo, do prólogo ao segundo discurso de Sócrates, vai de uma mera refeição do rétor ao banquete dos deuses na planície da verdade, de onde virá a ambrosia, alimento que convém às almas aladas.

Troia. Górgias usa técnicas retóricas para criar um discurso persuasivo que influencia as emoções e as crenças do público, buscando criar uma imagem positiva de Helena.

O uso do termo *psykhagogía* aparece pela primeira vez no *Fedro* (261a) associado à retórica, ou seja, à atividade de condução das almas por meio de palavras. A utilização do termo no diálogo representa uma ressignificação ousada, uma vez que esse termo era empregado em um contexto religioso como a prática de conjurar as almas dos mortos, ou associado a práticas mágicas e encantamentos para guiar as almas dos vivos. O termo aparece também no livro X das *Leis* (909b) e no *Timeu* (71a).

Segundo Hackforth (1952), são três propostas principais a se considerar quando se trata de distinguir filosofia e oratória no âmbito do *Fedro*: 1) reivindicar para a filosofia a tarefa de ser uma terapia para a alma; 2) propor uma nova retórica que considere o horizonte valorativo da filosofia; 3) anunciar a dialética em sua dupla etapa (*diaíresis e synagogé*) como o novo método da filosofia. Poderíamos acrescentar a isso a perspectiva de ter como mirada o horizonte da verdade, cuja metáfora é a planície hiperurânia e o despertar da memória das realidades plenas por meio do amor e do belo. Afinal, no *Fedro*, os amantes do belo, das musas e os de *erós* são aspectos do mesmo perfil, o filosófico.

O condutor/auriga (*heníokhos*) é aquele que literalmente tem as rédeas (*ékho + henía*). Várias imagens expressam a natureza auriga excelente: o bom *daimon* que detém Sócrates e o obriga a realizar a palinódia (242c); o bom orador, que fala belamente (259e) porque conhece a verdade sobre o assunto de que trata; o bom *éros*, que rege a mais divina das *maníai* (265b-c); a condução reflexiva do auriga (*eniókhoupronoíai* 254e) que é capaz de direcionar a parrelha de cavalos; o bom agricultor (*honoúnékhongeorgós* 276b), que conhece o momento oportuno de lançar as sementes (276b-c) e a distinção do melhor açougueiro (*mágeiros* 265e), em razão de sua capacidade de dividir observando as articulações naturais. Por fim, Platão estabelece a relação entre estes e o bom dialético, digno de ser seguido como se fosse um deus (*met'ikhnionóstetheoío* 266b).

### 3 A DIALÉTICA EM AÇÃO

Ao longo do périplo, Sócrates vai exercendo o percurso dialético ao realizar várias separações e reuniões, segundo sua arte de seccionar o discurso em suas articulações naturais, como um bom açougueiro. Há uma triangulação no movimento da alma em sua ascensão

dialética, que parte do movimento animal, que se deixa arrastar tal como um animal faminto; passa pela dimensão propriamente humana, que é a de se deixar conduzir pelo *lógos*; até alcançar aquela que seria divina, que é a de seguir o cortejo dos deuses, assemelhando-se a eles, por meio da inspiração (*enthousiasmós*).

Desse modo destacamos três forças motoras poderosas que interferem no movimento anímico: a necessidade (*anankhé*), o discurso (*lógos*) e o amor (*Eros*). Correlacionamos, em nossa tese, as três forças motoras com as três imagens cinéticas oferecidas por Platão: a do burrico que tentar apanhar o alimento à sua frente, a da tipologia das almas e a do cortejo dos deuses no séquito de Zeus.

Há uma diferença importante entre arrastar e conduzir; a primeira ação rebaixa a condição humana à condição animal, enquanto a segunda a eleva à condição divina, organizando os movimentos da alma em uma espiral, tal qual o movimento circular dos astros celestes. É necessário que haja maior participação ativa da alma, de modo que o condutor estimula com provocações e argumentos a capacidade reflexiva daquele que será conduzido.

A relevância do papel do auriga/dialético se faz imperiosa, pois, ainda que o *noûs* seja um guia interno auspicioso, se ele não for devidamente ativado pelas potências do *lógos*, pode acontecer que a alma seja movida de forma desordenada pela violência das paixões e dos discursos fragmentados.

Antes de reunir, o movimento de separar traz o discernimento dos opostos, tais como: 1) o auriga auspicioso e o imprudente; 2) o *Eros kalós* e o *kakós*; 3) a mania como *anóia* e como inspiração; 4) o cavalo dócil e o rebelde; 5) o fármaco como remédio e como veneno; 6) o agricultor que conhece o momento oportuno (*kairós*) e o que semeia fora do tempo; 7) o bom açougueiro e o que não corta nas articulações naturais; 8) a boa retórica, que lida com a verdade, e a má retórica, que apenas seduz.

O movimento tríplice da dialética se dá por meio de uma série de triangulações que compõem a própria estrutura dramática: 1) quanto à composição da alma: auriga, cavalo dócil e cavalo rebelde; 2) quanto à natureza da alma: animal, humana e divina; 3) quanto às forças motoras que nela atuam: necessidade, linguagem e amor; 4) quanto à analogia com os amantes do saber (filósofos): amantes das musas, amantes do belo, amantes eróticos; 5) quanto aos tipos de movimento: o deslocamento físico, as transformações da alma e a ascensão dialética; 6) quanto às qualidades do *lógos*: encantação, condução, orientação da

alma; 7) quanto aos discursos sobre o amor: detratção, imitação e retratção; 8) quanto às artes: retórica, medicina e dialética.

A ambiguidade dos discursos pode nos confundir e gerar paradoxos e impasses. É preciso distinguir o que é do que parecer ser. Especialmente quando se trata do “justo e do bom”, afinal é mais fácil se enganar com relação àquilo que é sutil do que com relação àquilo que é concreto, como o “chumbo e a prata” (263a). Assim, a tríade dialética é o que nos permite não cair no risco da estagnação e aporia, em função da falseabilidade e do poder persuasivo da palavra.

## CONCLUSÃO

Platão, no *Fedro* atua como um auriga e realiza, ele próprio, a arte psicagógica em relação a nós, os seus leitores, conduzindo nossa opinião para a defesa de modo filosófico de condução como sendo o mais excelente, tanto para a alma do jovem, no caso de Fedro, como para a formação moral da cidade como um todo. A filosofia é retórica pela capacidade de conduzir a alma, contudo Platão sugere que dois aspectos a distingue: o método (dialética) e o *télos* (horizonte da verdade).

O movimento circular das esferas celestes, devido à sua regularidade, é a metáfora da organização das forças motoras que incidem sobre a alma em sua ascensão àquilo que é *em si e por si* mesmo. É preciso saber organizar cada elemento de uma multiplicidade sem se perder nela, tendo em vista o olhar do todo, e esta é justamente a tarefa do auriga/dialético.

O belo é aquilo que mais brilha na dimensão sensível, e produz um efeito de atração para o amor, o qual, por sua vez, estimula as asas da alma. Assim, o filósofo, o músico e o amante do belo ocupam a primeira posição na tipologia das almas, retomando a memória daquilo que estas vislumbraram outrora na dimensão acima do céu. Desse modo, o amor pelo saber, pela arte das musas e pelo belo é fármaco para a memória acerca do ser.

Pensar a filosofia como a verdadeira arte retórica que conduz a alma por meio da palavra implica considerar que uma transformação na alma é o destino inevitável do movimento dialético; logo, o mote dessa condução implica uma dimensão terapêutica. Afinal, a palavra tem o poder de encantar e, para que tal encantamento tenha potência de cura, ela precisa estar a serviço da verdade.

## REFERÊNCIAS

CAMPOS, R. G. **O Fedro de Platão à luz da poesia de Estesícoro**. Tese (Doutorado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012.

MOORE, Christopher. “**Sócrates psychagôgos**”. In: DE LUISE, F.; STAVRU, A. *Socratica III: Studies on Socrates, the Socratics, and the Ancient Socratic literature*. Sankt Augustin: Academia Verlag, 2013, p. 41- 51.

PHILIP, A. Récurrences thématiques et topologie dans le Phèdre de Platon. **Revue de Métaphysique et de Morale**, n. 4, p. 452-476, 1981.

PLATÃO. **Fedro**. Tradução de Maria Cecília G. dos Reis. São Paulo: Penguin, 2016.

PLATO. **Plato’s Phaedrus**. Tradução e notas de R. Hackforth. Cambridge: Cambridge University Press, 1952.